

A responsabilidade da informação médica junto ao público

GILSON SOARES FEITOSA

Presidente Eleito da Sociedade Brasileira de Cardiologia

Vivemos uma época em que a informação se difunde com rapidez e grande abrangência. Tal fato constitui uma das grandes conquistas recentes da humanidade e haverá de promover um salto qualitativo em sua evolução.

A notícia médica levada ao público salienta-se como uma das vertentes mais importantes, e potencialmente benéficas, da utilização dos recursos atuais da informação.

Para que assim seja, deve ser cuidadosa, elaborada, nunca cedendo ao arrepio da verdade, ou à mercê da vaidade sem controle.

Infelizmente, ainda nos deparamos com ocasionais deslizes e com a má utilização do recurso.

Para que nos atenhamos exclusivamente à área de hipertensão arterial, basta relembrarmos três clichês divulgados em noticiosos gerais, pela chamada imprensa leiga. Essas afirmações tiveram importante repercussão, haja vista as dúvidas que ensejaram e que suscitaram freqüentes consultas para esclarecimentos:

- “Restrição de sal na dieta é prejudicial à saúde”;
- “Antagonistas de cálcio promovem a ocorrência de infarto do miocárdio”;
- “Exercício matinal é arriscado”.

Na primeira das assertivas, o fundamento resulta da constatação de uma ativação do sistema renina-angiotensina (SRA) em usuários de dieta hipossódica, principalmente em normotensos. Diuréticos induzem a ativação do SRA e ainda assim têm sido demonstrados como eficientes agentes na redução de eventos cardiovasculares no hipertenso.

Outro argumento recente deriva de estudos observacionais, como o NHANES III, que sugerem relação inversa entre ingestão de sal e morbidade e mortalidade cardiovasculares. Tal registro não estabelece necessariamente uma relação de causa e efeito. Uma associação de fatores de co-morbidade ou de risco para afecções cardiovasculares poderia ser mais prevalente, no início da observação, entre os que restringiam Na, não sendo possível, pela natureza observacional do estudo, o adequado ajuste da representação destes nos diferentes quartis de ingestão de sal.

Assim, esse conhecimento recomendaria um alerta aos órgãos responsáveis pela política de orientação dietética junto à população, bem como ao médico, na orientação individual dos seus pacientes.

Mas o que dizer do risco a que se submetem os pacientes que diante da notícia liberaram ou incrementaram o sal em sua dieta, dificultando o controle da pressão arterial, ou favorecendo o surgimento de hipertrofia ventricular esquerda, ou piorando o quadro de insuficiência cardíaca congestiva concomitante?

A forma como a controvérsia do uso dos antagonistas de cálcio foi levada à população foi reconhecidamente inadequada. Poderia ter servido ao propósito de motivar intensa discussão e reavaliação do assunto entre os cientistas, do que emergiriam conclusões solidamente construídas e aplicáveis. Divulgada precipitadamente à população, e com grande alarido, quanto não terá contribuído para o simples abandono do tratamento, e, ainda, quantos não se sentiram ameaçados com todas as formas de tratamento em uso?

A afirmação de que o exercício matinal é arriscado fundamentava-se na observação de maior ocorrência de eventos cardiovasculares nesse período em experimentações em animais exercitados em jejum, e de forma extenuante, que demonstravam aumentada produção de radicais indutores de arritmias. A experiência acumulada ao longo dos anos, envolvendo milhões de praticantes de exercício matinal sensatamente realizado, não apresenta qualquer respaldo a essa afirmativa. Considerando-se o firmemente estabelecido benefício do exercício na preservação da saúde e no auxílio ao controle de fatores de risco cardiovascular, incluindo-se aqui o melhor controle da pressão arterial, é de se lamentar o desestímulo que tal informação equivocada trouxe para grande número de pessoas.

O que fazer?

A veiculação da informação médica junto ao público deve merecer tratamento diferenciado na relação imprensa-setor médico.

Por certo, temas controversos devem ser evitados ou mencionados com os devidos esclarecimentos, de preferência por entidades ou órgãos afeitos à problemática.

Comitês constituídos pelas diferentes sociedades médicas para essa finalidade de comunicação com a imprensa representam um caminho desejável.

Preciosa que é, a informação médica exige cuidado, temperança, certa dose de circunspeção e rigoroso compromisso com a verdade vigente.